

SOLO PARA COMPUTADOR MONÓLOGO EM UM ATO

de Rachel Gutiérrez

para Maria Esmeralda Forte

Personagens: uma Mulher e um Computador

No meio do palco há uma cadeira – de escritório – diante de um computador. A decoração é a de um despojado living room, pois a “casa” é a de uma mulher que vai falar todo o tempo sozinha, ao telefone, ou – mais frequentemente – com o computador – não só ao ler as mensagens, que recebe e envia, mas principalmente quando espera da máquina soluções para a sua vida solitária.

Cena contínua até o fim.

Ela entra carregando pastas e livros, cansada, desanimada, e faz gestos mecânicos: pendura a chave num gancho, coloca as pastas sobre uma mesa, joga a bolsa numa cadeira e liga o computador – e ouvem-se logo os sons que indicam o contato com a internet.

PROTAGONISTA(*dirigindo-se ao computador*): — Como é, alguma coisa pra mim? Deus do céu! como você está lento! Ah! sim, Claudio dá notícias do financiamento...é claro, NADA ainda!

Nem a Secretaria nem o Ministério se pronunciaram ...não houve tempo... ainda é cedo. Certo! Vamos aguardar!

(*suspira*) Bom, não custa nada fazer umas revisões em outros textos. E, quem sabe, ir escrevendo outra peça, com fragmentos, lembranças, relatos...

(*pausa pensativa*)

Ah! já sei... *à la manière de Godard*,... mas com uma novidade: os fragmentos não precisam estar em ordem. Que ordem, se são, por definição, fragmentos?

Então é assim: pequenas historinhas, que podem ser embaralhadas, como cartas... e o Diretor dispõe na forma que bem entender. Afinal, não é esse o sonho de todo Diretor? Fazer da peça o que ele bem entender?

Não dizem que “autor bom é autor morto”? Pois bem, sem morrer, esta autora aqui vai deixar o Diretor to-tal-men-te à vontade.

Como na música aleatória, onde não se indica a duração da nota nem sua intensidade... mais ou menos assim...

Mexe no computador. Imprime algumas páginas. Enquanto a impressora trabalha, fazendo seus barulhinhos característicos, ela coloca um CD no aparelho de som: 5ª de Mahler, 4º mov.: adaghetto. O som se distancia...

PROT.: — Por que foi que escrevi isto aqui? Ah! sim! Por causa da ironia...sim, o primeiro preceito das leis do amor cortês do fim da Idade Média! Veja só! (*lê*) “Fuja da avarícia como de um flagelo perigoso e, ao contrário, seja generoso”! Esta era a primeira lei que o amante, ou aspirante ao amor de uma dama devia respeitar...

Há! Há! e a história aqui mostra exatamente um nada-galante cavalheiro e sua dama em viagem pela Itália... (*com ironia*) viagem é muito perigoso, viagem pode acabar com qualquer casamento!

(*pausa. Agora lê:*)

O casal acabava de chegar em Veneza e a mulher, sempre atenta aos espetáculos de teatro e música, descobriu que naquela mesma noite o teatro La Fenice fazia uma homenagem a Strawinsky com um concerto totalmente consagrado à sua obra. Apaixonada por música, sabia que Strawinsky era um ícone de Veneza

(*interrompe-se*) ícone? Eu usei essa palavra horrível?

qual! Corta-se! (*rabisca o papel*) Era um herói em Veneza, um artista amado, venerado, qualquer coisa menos ícone!

Acho que ele está enterrado em Veneza, sim, sim, Strawinsky está enterrado na sua amada Veneza...

Pois bem: (*resume*)

Strawinsky seria homenageado, não o próprio, sua memória, no La Fenice naquela noite! (*continua lendo*)

Ela tenta, portanto, convencer o marido mal-humorado a comprar os ingressos que o hotel oferecia, o que, a duras penas, finalmente consegue. (*pausa*)

*A tela do fundo projeta cenas de filmes que se passam em Veneza: primeiro, algo do cenário de **Asas do Amor** e depois, – somente o Grande Canal – de **Morte em Veneza**. A música aumenta e se mistura com os sinos e as primeiras vozes de **Les Noces**, de Strawinsky.*

PROT.: (*recomeçando a ler as notas*) — O concerto foi maravilhoso: o programa entre outras coisas, incluía **O Rouxinol**, que ouviram pela primeira vez, com um ator-narrador extraordinário e belo como só os italianos sabem ser, e uma obra para dois pianos e orquestra de câmara... ah! ela jamais esqueceria! Voltou exultante, nas nuvens! Ele, nem tanto... cansado, com seu eterno mau-humor, e ficou mais irritado porque no caminho de volta ao hotel não encontraram nenhum restaurante aberto.

.....
Entra uma nova mensagem : o computador a anuncia.

PROT.: Ah! meu amigo lindo! É você. Eu já estava preocupada.

(*senta-se e começa a escrever, dizendo o que escreve*)

Sim, obrigada. Estou bem. Só com saudades. (*com ela mesma, sem escrever*): Não seria bom a gente dar um jeito de chegar na mesma hora naquele Ministério da Pouca Cultura e, finalmente, se conhecer ao som de um cafezinho?

Ao som de um cafezinho! Estou maluca! Por que não? E o som das chicrinhas, das colherinhas, cafezinho tem som... mas era melhor como metáfora: não se brincava dizendo ao som de velas? Ah! quando é que você vai vir para jantar, como um verdadeiro amigo, e aí, sim, ao

som de velas, de boa música, um dos três pratos que eu sei fazer... ou não, mandava buscar alguma coisa pronta no *Traiteurs de France*... muito mais *chic* (*pronuncia chic como francesa*).

Essa coisa virtual me cansa, eu sou do tempo do abraço, do olho no olho, do som da voz com todas as suas sutilezas e nuances... Bom! Só vou dizer coisas amenas e (*volta a escrever em silêncio, envia a mensagem e fala, agora voltada para a platéia*).

PROT.: Onde estávamos? Ah! sim, continuando a história: os restaurantes de Veneza estavam quase todos fechados naquela hora. (*continua lendo*) A noite fria e úmida não convidava muito a sair, mas o recepcionista do hotel havia indicado um restaurante “a poucas pontes daqui”... – *comenta*: Ó! que maravilha se dizer simplesmente isto – e você saber que está em Veneza! – “a poucas pontes daqui...” Era o Mário, “un buon ristorante!” O marido achou que ia ser caro e rosou qualquer coisa. Ela não deu bola e, pegando o casaco e a bolsa que estavam sobre uma poltrona, puxou carinhosamente o marido ...

Quando encontraram o restaurante, via-se logo que, no bom estilo rico italiano, era sóbrio e aristocrático, com dois toucheiros na porta de entrada, tinha uma escada em cascata, aquática, barroca, que descia para um elegantíssimo subsolo iluminado com luz baça. Sim, ia ser caro, pensou nervosa, mas disfarçando como pôde, deixou-se acomodar numa mesa de canto – mania dele! – para não se aborrecer. Ele olhou o cardápio no lado direito apenas e disse:

— Não vou comer nada. Você, peça apenas uma entrada e um cafezinho. Depois, vamos logo embora!

Horrorizada, encabulada, ela escolheu uma entrada: um *rigatoni* e ainda insinuou:

— Só uma taça de vinho...

Mas ele, incisivo: — Não! Tome água mineral.

A tela do fundo mostra uma deslumbrante Veneza noturna.

E foi ali, naquele restaurante...

O computador dá sinal de uma nova mensagem. Ela vai ler e se agita:

— Ah! Teresa, querida, minha “produtora executiva”! Será que

a notícia é boa? ... Qual nada! Só diz que já entregou nosso projeto a três possíveis patrocinadores. (*Volta à posição anterior*)

— Continuemos! “Pois foi naquele restaurante, em Veneza, que a mulher finalmente se deu conta de que um homem incapaz de apreciar um bom jantar depois de ouvir Strawinski no La Fenice de Veneza não sabe o que é viver, por mais inteligente que as pessoas pensem que ele seja...E foi ali...”

Toca o telefone. Ela atende.

— Não, não é aqui. Aqui não mora nenhuma Eulália!

Desliga e grita:

Merda!

A cena escurece e recomeça tudo igual à primeira cena: ela chegando em casa, carregada – dessa vez pode ser com compras de supermercado...Cansada, desanimada, e faz os mesmos gestos mecânicos: pendura a chave num gancho, coloca os pacotes sobre uma mesa, joga a bolsa numa cadeira e liga o computador – e ouvem-se logo os sons que indicam o contato com a internet .

PROT.: Claudio, Claudio... quais as novidades? NADA!

Bom! Ao menos o meu namorado eletrônico... como é? Também nada? Que é que ele anda fazendo que não me escreve há...
olha para o relógio:

— Coitado! Escreveu ontem de manhã e eu acho que faz dias que ele não escreve! Como é que o tempo muda e nos muda diante desta coisa! A saudade se agudiza, a ansiedade se multiplica, tudo é tão... irreal! Irreal coisa nenhuma: neurótico! Sim, neurótico. E neurótico é pra lá de real! ... Mas bem que ele podia ter respondido a pergunta que eu fiz sobre o menos conhecido livro da Jane Austen. Um homem que lê Jane Austen devia ser canonizado.. Não! Canonizado não pode... transar...

E correspondente transa? Sua boba... Estamos na era virtual, as transas são por telefone! *Dá uma gargalhada e atira-se numa poltrona. Depois dos barulhinhos característicos da entrada na Internet:*

PROT.: Vamos ver quais são as notícias (*entra na internet. O computador faz os barulhos característicos*) Protesto contra o Ministro da Fazenda, protesto contra a Polícia Federal... protesto contra a corrupção... e pedem a minha preciosa assinatura! Não vou assinar mais nada ... pra quê?...

— Mas e o Claudio? Nenhuma notícia! Nada! Nada outra vez! Como diria Cecília Meireles... é a intransponível demora!... E que demora! (*longa pausa e sofrido suspiro*) Peço (*digitando*) notícias urgentes: quantas empresas já foram contactadas? Quais responderam? Como é que estamos? – Bom! esta já foi!

(*o computador dá sinal de entrada de mensagem*) Ah! entrou uma cartinha... Simpática! (*sorri e logo depois faz cara feia*) Só que outro namoro por computador, meu caro, não me interessa!

No computador não acontece nada! O que acontece é esse não-acontecer-nada cheio de ilusões teimosamente renovadas quando a correspondência recomeça... Mas hoje não! Não! (*desconecta a internet, apanha uns papéis e suspira outra vez*)

— Ih! Hoje estou tão mortal!... Mais velha... meu aniversário ainda está longe mas de repente estou mais velha. É! Envelhecer é isto: é mor-ta-li-zar-se! Ficar cada dia mais mortal. Não, não é apenas mais vulnerável, mais frágil... é literalmente mais MORTAL.

(*Longo silêncio. Muda de tom:*) Ah! deve ser por causa desta espera. Vamos trabalhar! (*pega os papéis da mesa do computador mas, de repente, recomeça:*) Ou porque vi um programa na TV a cabo sobre o fim da nossa galáxia? Mas antes da galáxia, estamos acabando é com o planeta... Ah! Fernando Pessoa, e a sua (*saboreando a palavra:*) ta-bu-le-ta, a tabuleta do vizinho da rua, da rua onde havia uma tabuleta, o dono da Tabacaria! – a tabuleta da Tabacaria!

(*recita*)

“Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu”!

— Ah! P’ssoa, P’ssoa, que já sabias tudo, mas antes de ti, o homem do Fogo, o grande Heráclito, que já sabia que tudo passa, só não passa o passar...PANTHA REI. (*no tom de antes*) – Só não passa o descaso com a cultura, merda! Só não passa esta agonia de esperar o financiamento!

A cena escurece e se ilumina outra vez.

.....
Desta vez está arrumando flores num vaso.

Serve-se de um uísque e senta-se. Fica pensativa, triste e sonhadora.

Fala lentamente:

— Hoje é aniversário de morte de minha mãe. Não! Não quero me lembrar de seus últimos dias, de seus últimos momentos! E, infelizmente, é disso que me lembro mais... (*bate na mesa*) Não quero lembrar! Queria tê-la comigo como quando era criança, na hora da sesta, admirando o “cinema” das sombras que a veneziana filtrava no mormaço do quarto. O aconchego, o cheiro dela!

Minha mãe linda, com seu casaco verde e uns chiquérrimos enfeites pretos, casaco do Macy’s de Nova York, escolhido pelo extraordinário bom-gosto de meu pai, cujas viagens, ou melhor, cujo retorno das viagens parecia uma festa de Ali Babá! Minha mãe com sua capeline azul turqueza, no Jockey Clube de Montevideo, alegre, bonita, um pouco solene, mas perfeita para a ocasião, como sempre.

Uma grande dama de antanho, mulher linda, a mais linda do mundo para a criança que eu fui, minha mãe que se parece com a nobreza da palavra antanho! Sua pele macia, sem manchas, seu colo imaculado, seu perfume: Arpège! Mãe amada sobre todas as outras pessoas, tu foste o meu maior amor!...E a morte jamais te vencerá! E a morte não terá nenhum domínio!...

*Chora. Agora, a música é um trecho alegre do **Divertissement para Oboé, Clarinetas e Fagote** de Jean Françaix. (B.O.)*

(Volta a luz, mesma situação. Serve-se de uísque outra vez.)

— Em que hei de pensar? Eu que não tenho Tabacaria de defronte, tenho ao menos as minhas fantasias amorosas.... Quero dizer, então, em quem hei de pensar? Sim, nele, é claro! é sempre o mesmo... nos últimos três meses, ao menos! Quanta energia jogada fora! Ou será que não é? Será que esta energia erótico-neurótica vai para algum neurônio criativo e volta produtiva? — Merda nenhuma! Mas é bom... (*entenece-se como se o estivesse enxergando*) é bom ficar acordada só para

pensar mais um pouquinho nesse ele que já virou pano de fundo da minha consciência... É como se ele crescesse e me abrigasse, me acolhesse – é isso mesmo! Pensar nele o faz crescer como... como uma árvore frondosa... frondosa como um baobá... ou uma casa! Sim! Pensar nele, depois de alguma coisa desagradável, cansativa, é como chegar em casa...ou...ou não estar mais sozinha, é como uma carícia de mim para mim, que me dá sentido, me conforta, me re-conforta...Como é possível? A ausência presente, ou a presente ausência – ... detesto “a presença da ausência” que já virou clichê, – sua presença em mim, vivipensada por mim, gostei: vi-vi-pensada, não é vivenciada, nem só sentipensada... me envolve mais do que uma mensagem real ... virtual... o que seja! ah! a fantasia ... *immaginare, immaginare...* Giacomo Leopardi, sim, sim, este aqui é o meu jardim onde penso nele...(abraça a si mesma)) Bom! Chega! Vamos trabalhar!

Mexe na papelada:

— Que é que eu tinha anotado aqui?

Ah! aquela idéia maluca... ou nem tanto: “os homens, em literatura, são mais abrangentes do que penetrantes”, sim, porque eles abrangem longos períodos históricos, longas sagas de família, guerras inteiras, a História com H maiúsculo faz parte, quase sempre, da literatura deles, embora tenha sido um homem que disse essa coisa terrível e que parece expressar um pensamento feminino: “A história é um pesadelo do qual eu gostaria de despertar”, não é mesmo, James Joyce? E Anais Nin, depois das bombas em Hiroshima e Nagasaki, disse que era inacreditável que continuássemos vivendo, trabalhando e amando num mundo tão monstruoso porque não sabemos como pôr um freio na selvageria da guerra ou como controlar a história. Daí o maravilhoso e sempre atual **Hiroxima, mon Amour...** E Paul Celan, e todos os que questionaram a possibilidade de se continuar escrevendo poesia depois do Holocausto!?

E eu pergunto: quem tem dominado e comandado a história cheia de guerras monstruosas? ... bom, “guerras monstruosas” é um pleonasma...(é como se o estivesse enxergando) não é mesmo, Godard? ...

mas, voltando à literatura (*olha as anotações*) ... as mulheres, ... ao contrário dos homens, ou melhor, diferentemente dos homens, pois não quer dizer que algumas não escrevam romances históricos, é claro, ... eu dizia que as mulheres, que são sexualmente envolventes (*com malícia*) e amorosamente abraçantes, abrangentes... – engolidoras... são mais... penetrantes, quer dizer, querem coisas mais diretas, e mais curtas, mais emotivas, psicológicas... (*hesita*) mas Proust e Dostoiévski são imensos psicólogos... Não importa! Digo em geral, em geral... e agora me perdi mas na literatura a gente se perde para se achar, contrariando o samba...

Vai até o aparelho de som e coloca um CD: Homenagem a Luizinho Eça de Michel Legrand. Ouve um pouco e depois continua :

— Para o grande Luizinho! ... Pois é, posso divagar, não importa, pensar não é acertar, pensar é procurar! Se não é sempre assim, nada disso invalida minha observação que, por sua vez, ... é também uma pergunta, pois não? Eu não estou provando nada... só penso que os homens, cujo orgasmo costuma ser um espasmo, (*ri*) enquanto que o das mulheres é oceânico (*suspira*), criam numa forma de expansão, e nós, que temos uma longa e expansiva explosão, ou uma expansão explosiva, uma explosão em expansão... (*ri mais ainda*) pois é, acho que nós mulheres somos mais ou menos “espasmódicas” quando escrevemos... Será uma idéia tão maluca assim? No mínimo... interessante, digamos. É claro que não dá pra generalizar, não. Há o caso das utopias das mulheres norteamericanas: só até os anos trinta, descobriram mais de 200 utopias escritas por mulheres... e ninguém se preocupou em divulgar isso! (*fica pensativa e pega um livro e o abre na primeira página*)

... Mas alguns homens simplesmente me encantam: “O mar está bravo hoje de novo, com uma rajada de vento arrepiante”. *A flush of wind*... Impressionante, arrepiante, excitante...nunca é fácil traduzir! *With a thrilling flush of wind*... Ah! Lawrence Durrell! Que maneira perfeita de começar o teu Quarteto!! E adoro aquela frase que está no último volume: “pois o corpo é apenas a periferia do espírito, sua parte sólida...” (*repete mais lentamente*;) o corpo: nada mais seria do que ... a parte sólida do espírito que, aliás....

(ouve-se o som de uma mensagem entrando no computador. Ela corre para ler)

— Ah! é ele, o que não parece ter corpo! Mas *(surpresa, quase assustada)* me mandou um beijo desta vez! Ah! *(Chora. Senta-se para responder, mas hesita e não responde. Desliga o computador.)*

(B.O.)

Aparentemente já é a manhã seguinte porque ela está saindo do quarto, de robe-de-chambre, e, boceja ainda ao se dirigir, um pouco como sonâmbula, ao computador. Os barulhinhos característicos são ouvidos mais uma vez

— E mais mensagens...de Claudio e ...de Teresa! Viva! Ah! Mas a Eletrobrás já destinou todas as suas verbas... *(num crescendo:)* Merda! Merda, merda, mer-da! E o Claudio diz que a Secretaria considerou minha inscrição perfeita, não falta nenhum papel. Tudo em ordem! Quê que adianta isso? Os papéis estão em ordem, mas cadê o dinheiro? Ah! Haja saco...

(Afasta-se do computador e volta a mexer em suas anotações e se surpreende)

Quando foi que eu anotei isto aqui? – Da Lou Andreas-Salomé, minha maravilhosa Mestra! Lou parafraseando um velho provérbio russo. O provérbio era: “Esfregue um russo e você vai encontrar um tártaro”, e ela dizia: “Esfregue um russo e você vai encontrar um poeta!” Que maravilha, um povo de poetas... mas houve Stálin também... Ah! mas e aquela história maravilhosa sobre Bóris Pasternak dizendo poemas no estádio de futebol...sim num estádio! Inacreditável! Parece que o Neruda também andou dizendo poemas em estádios... Mas a história do Pasternak é a de quando bateu um vento nas folhas e o poeta deixou cair também a folha do poema que estava lendo, ficou todo atrapalhado... mas enquanto recolhia os papéis, a multidão – em corol – *(pausa emocionada)* ... continuou a recitar decór o seu poema!.. Ó! Que glória! Que maravilha...Aqui, bom! Aqui *(conciliadora)* muita gente sabe as letras das canções populares... Mas, esfregue um brasileiro e você terá um...

(Toca o telefone:)

— Alô! Oi! É você, Claudio? Que bom!

—

— Conseguimos dois espaços para a peça? Mas, meu querido, de que adianta o espaço se não temos dinheiro? Cadê o dinheiro? Quem é que vai dar dinheiro para uma peça que não tem palavrão, sacanagem, que não é besteiro!, que não faz rir às escâncaras... quem é que vai dar dinheiro pra nós?

— ...

— Talvez se fosse mais picante... Mas eu não sei escrever de outro jeito e, quer saber? Não quero! Prefiro morrer de fome, mesmo... vou dando minhas aulas e aguentando.

— ...

— Sim! Aceitamos o espaço para quando tivermos o financiamento. E eles vão manter a oferta? Por quanto tempo?

— ...

— Claro, não sabemos! Obrigada, Claudio, vamos em frente! Está certo! Um abraço.

(desliga e continua falando consigo mesma:)

E cai o pano! Pano rápido como nas antigas piadas da revista **O Cruzeiro**, ... de quem?... Não sei mais...

Por que é que essa peça não consegue financiamento, meu Deus!? Será mesmo porque não tem palavrão tão do nosso gosto brasileiro? Porque não tem sacanagem, sexo, trepadas, sexo, sexo e mais sexo...

Ora! Sexo nem sempre é o melhor de tudo... e como dizia aquela amiga: depois de uma certa idade... idade incerta... dá muito trabalho: tira a roupa, põe a roupa, não há longos encontros, fins-de-semana... E justamente o que a gente quer, – na idade incerta – é mais o aconchego, o abraço... os americanos não estão até inventando os grupos de *buddle*, ou *buddling*, de pessoas que se encontram só para o contato carinhoso e NÃO SEXUAL? A orientação é exatamente esta: nada de sexo, puro carinho, abraços, aconchego, ternura, sim! ... porque essa coisa de sexo já saturou. Convenhamos! Chega! Às vezes até penso que melhor do que sexo é beijo, beijo é que é bom, beijo na boca, que, no fundo, na verdade é o máximo da intimidade, uma quase fusão, isso sim é que é deliciosa e ilusoriamente fu-sio-nal, beijo na boca é melhor do que

tudo. E por que é que beijo na boca é melhor do que sexo? É... é como se o corpo nas outras partes fosse – mesmo colado, mesmo penetrado ou penetrante... – fosse o corpo do outro... e o prazer, afinal, mesmo quando em unísono (em unísono é bonito! E emocionante!), mas o prazer é o meu... e o do outro é o do outro, o beijo, não, o beijo é O outro EM MIM,...será que é isso mesmo? Não sei, só sei que quando as bocas se encontram, se misturam, quando as línguas se tocam, a gente é pura boca, é uma comunhão! (*sorri deliciada*)... a gente literalmente parece que se alimenta do outro. Tá! beijo num sentido literal e bonito tem muito mais a ver com comer do que aquela maneira chula que alguns homens usam quando se referem à transa ... o beijo apaixonado alimenta a gente – literalmente! ... pois já não disseram que equivale a um bombom de chocolate?! E bombom é bom mesmo! Por definição!...

Está decidido: minha peça terá beijos se o diretor quiser, trepada não! E que saibam que isso não tem nada a ver com puritanismo. Tem a ver com gosto e bom-gosto, ... coisa antiquada, talvez, mas não importa!

(pequena pausa ou B.O.)(De novo, escrevendo no computador)

— Claudio, por favor, não esqueça de procurar firmas paulistas que possuam filiais no Rio. O dinheiro brasileiro é paulista, afinal! E, me ocorre agora, ricos livreiros não gostariam de patrocinar uma peça que fala tanto em livros, como tudo que eu escrevo...a peça, não é uma apologia dos livros, da boa leitura, não a chamei até de peça-recital? Abraço, ... mas ainda falta, sim, um PS: precisamos saber quais são os livreiros ricos que gostam mais de cultura do que de dinheiro!

Essa é boa! Não sei se o Claudio vai entender... coitado, anda tão cansado que já nem deve ter mais senso de humor!

(escreve mais durante algum tempo e vai largar o computador mas volta e recomeça;

Ah! faltou um email para o amigo que nunca diz se vamos nos encontrar! *(e depois de escrever:)*

E desta vez mando “um beijo grande”! Enviar... E ... por falar em beijo, como será o beijo na boca do amigo eletrônico, cujo beijo eletrônico, justamente, tanto me comoveu? Um dia desses a gente vai finalmente se encontrar. E aí... quem sabe?

(Sai do computador e volta a mexer em papéis:)

— Que é isto aqui? Acho que é meu mesmo... não tem aspas, não remete a coisa alguma, então fui eu que escrevi. Quando? Oh! meu Deus! Há quantos anos: é uma folha da agenda de 1999! E como é que veio parar aqui? *(Lê:)*

Foi o machismo que, criando o mito da mulher pura, excluiu da decência o prazer e a alegria! La-pi-dar!! Isso dá pano pra manga, ou dava...*(continua lendo)*. a liberação não consiste em reconhecer em cada mulher uma prostituta – esse é outro mito, subproduto do primeiro. Sim! Ainda penso assim. Tanto é mito a mulher pura, quer dizer purificada do prazer... não é?*(ri com ironia)* quanto essa idéia grosseira de que toda mulher na cama é uma puta, por que puta? por que não um ser simplesmente capaz de prazer ... e o homem é o quê? Homem que *(enche a boca)* gosta de mulher! (eles adoram dizer isso!) Tanto um quanto o outro fomos feitos para o prazer, ora! só que alguns confundem prazer com sordidez e outros, ou outras identificam o prazer com Alegria, o sexo pode ser uma coisa luminosa! Tudo depende é da nossa imaginação! Eu diria que em toda mulher pode existir sim um pouco da cortesã, nesse prazer que temos dos banhos de espuma, do cuidado com as unhas, com os cabelos, com a pele, esse tornar-se atraente para o homem e também para qualquer pessoa, para as amigas, para nós mesmas, esse antiquíssimo, cleopátrico cultivo do corpo, da aparência, não como ...ó, céus! não para mutilar, cortar, esticar até à deformação, pela cirurgia, Não! *(Faz o gesto de esticar a cara até parecer uma chinesa)* Ah! E não esqueçamos o que o grande cineasta português – que tem 97 anos – disse a um entrevistador que, com a típica cegueira brasileira, se queixou da velhice de mulheres como Catherine Deneuve e Irene Papas no último filme dele: “A idade na mulher pode atenuar a beleza mas ganha uma força que a beleza duma jovem ainda não tem”.

Mas eu estava me referindo ao gosto do asseio, do perfume, da roupa chique e harmoniosa, o aprumo, o... *aplomb*, a graça feminina, o prazer de ser uma mulher cuidada, *soignée*, isso sim! Nada de natureba! E nada de chinelo de dedo metido a sandália! Artifício é arte, ora! Um pouco como as cortesãs, por que não? Ainda mais que a História registra cortesãs inteligentíssimas, poetas, musicistas...

(Vai para o computador)

(Entra uma mensagem)

Ah! Ele, de novo ! pois desta vez vou sugerir que venha à minha casa para um drink. Só preciso dar a impressão de que não estou com muita pressa *(e, como uma confidência:)* Não se deve ir com muita sede ao pote...*(escreve)* “quando você puder, quem sabe na próxima semana...” Pronto! Só quero ver a reação! (B.O).

Quando a luz retorna, ela está outra vez chegando em casa, com as pastas, e faz os gestos habituais. Joga-se numa poltrona, tira os sapatos e depois se arrasta até o computador. Liga. Barulhinhos característicos. Entram mensagens.

Notícias do financiamento? *(lê:)* Temos ou teremos o apoio de dois restaurantes, uma loja de sapatos, uma de tecidos, já garantimos alguns móveis da *(e, impaciente e irritada:)* mas, e o grosso do dinheiro, pessoal, cadê? Eletrobrás, Petrobrás, Telemar, etc. Cadê o apoio à cultura, senhores?!

Cultura? Agora temos festa do livro, é verdade! Um espetáculo midiático e tudo! Mas será que aquela gente toda que vai à Bienal do livro, por exemplo, lê mesmo? E quando lê, como é que lê? Lê o quê além de best-seller? *(Toca o telefone)*

— Alô! Oi Suzana, quanto tempo! Eu estava justamente pensando na Bienal do Livro. Mas não vou, não!

— ...

— Não, não vou ! Muito cansativo. E estou sem dinheiro... pra variar! E você sabe que eu detesto badalação, multidão, aglomeração...Pode dizer que estou ficando velha. Não vou mesmo!

— ...

— Obrigada, minha amiga. Depois você me conta! Um beijo.

(desliga)

(Sempre falando sozinha) O livro virou uma outra coisa! Ah! Quando os livros mudavam a vida da gente, abriam a nossa cabeça, nos transformavam... Todos ficamos proustianos e fizemos experiências proustianas depois de ler Proust, todos ficamos rosianos depois do Grande Sertão! E aprendemos que “viver é muito perigoso!” E que deslumbramento foi ler as Primeiras Estórias! *(evoca:)* “As coisas que estão para a Aurora são antes à Noite confiadas!” *(pausa para que a frase ressoe)* e... “Era outra vez-em-quando a Alegria!” Frases que se incorporam à nossa alma... *(reflexiva)* taí! Criei uma coisa: frases que dão corpo à nossa alma... Citações que nos definem, nos dão figura, nos con-figuram... Por isso eu gosto das ousadias do Godard, que mistura o seu cinema com literatura. Porque a literatura faz parte da vida, ora! Afinal, de que trata a literatura? Não é da vida? Das coisas da vida? Pra mim, Madame de Rênal, Diadorim, Hamlet, D. Casmurro, e a Elizabeth Bennet de **Orgulho e Preconceito**, e milhares de outros, são pessoas e ... os próprios livros são entidades vivas. E eu morro de inveja dos russos que convivem desde cedo com a poesia, que sabem poemas de cor, que conhecem música e cantam a duas e três vozes espontaneamente... Por que não temos música nas escolas? Por que não transmitimos o gosto pela poesia? Criança gosta de recitar! Gostava... antes dos jogos eletrônicos de matar, destruir, derrotar, eliminar...

(Toca outra vez o telefone)

— Alô! Oi, Lúcia, como vai, amigona?

— ...

— Não. Suzana acabou de me convidar mas eu não vou, não.

—

— Muito obrigada. Você também estava muito bem naquele dia... Como diz aquela nossa amiga do Sul, estamos na idade do “que bem tu estás! “, sim, porque já poderíamos estar péssimas! *(dá uma gostosa gargalhada)*

— *(longa pausa enquanto a outra fala)*

— A peça? Não! Nada ainda!

—

— Há quanto tempo? Deixe-me ver: acho que entregamos os papéis na Secretaria e mandamos para o Ministério há... há um ano e meio, sim, no mês que vem, um ano e sete meses...

— ...

— Bota angústia nessa espera! Nem gosto de falar!

— ...

— Deus te ouça! O deus brasileiro que parece não querer nada com a minha peça ou com a cultura menos popular!

— ...

— Obrigada. Um beijo. Até mais!

(Desliga e volta a falar sozinha, divagando um pouco:)

Voz bonita a da Lúcia. Uma voz parecida com a da minha mãe que, como diria Colette, tinha “um timbre de voz que o ouvido acolhia com gratidão”. Como é importante a voz! Alguns músicos, – não me refiro a cantores – , mas também a pessoas musicais que nem precisam ser músicos, há pessoas que têm vozes magníficas. Lembro que uma vez atendi um telefonema e a voz que ouvi, aquele timbre extraordinário da voz de Edu da Gaita me deu calafrios eróticos...Sim, calafrios porque chegava a ser assustador, envolvente e fascinante... E eu me lembro de uma crônica do Paulo Mendes Campos sobre O Milagre da Voz: num dia em que tomou LSD, assistido por um médico, e foi tratado com deferência e carinho por todo mundo porque sua voz, sob o efeito da droga, tornara-se doce, melodiosa...envolvente, mágica, mas acho que a voz dele já devia ser bonita... algumas vozes nenhum LSD melhora. Também já observei que os cegos, em geral, têm lindas vozes. Quem sabe um bom treino para essas pessoas de vozes esganiçadas, irritantes, que falam tão alto nos restaurantes, seria o de falar uma hora por dia com os olhos fechados ... quem sabe, quem sabe assim aprenderiam a se ouvir e a respeitar a si mesmos e aos outros!

(Toca a campainha do interfone. Sai resmungando : Hoje está demais! Vai à cozinha e ouve-se sua voz atendendo:)

— Correspondência pra mim? Ponha no elevador que eu apanho aqui. Obrigada!

(Abre a porta, sai e volta abrindo um envelope grande instantes depois)

— Da Petrobrás! *(acaba de abrir e ver de que se trata)*: Devolução do projeto e cartinha explicativa. Muito gentis. Mas é mais um Não que recebemos pela proa... Que Merda! Será que ainda é preconceito contra as mulheres? Como é que sempre sobra dinheiro para shows milionários, competições internacionais que só podem ser caríssimas, ... *(vai se irritando e a voz cresce)* E pr'aquelas invasões bárbaras nas praias do Leme e de Copacabana, aquelas armações horrendas, aquele barulho infernal que massacra os pobres moradores da orla... ó, céus! E a minha peça só tem quatro personagens, quase nenhum cenário – pode até ser sem cenário! – e não se consegue um tostão...

(Vai até os CDs e coloca um no aparelho)

— Pois até me deu vontade de me consolar com a música de uma mulher, esta francesa que morreu paupérrima... Pobre companheira Germaine Tailleferre. *(Sente um calafrio Senta-se calmamente. Ouve-se durante uns 20 segundos o início do quarteto de Germaine Tailleferre.)* (B.O.)

Barulhinhos de emails entrando... Outra vez diante do computador:

— Quais as novidades? – Ah! O amigo eletrônico num email bem simpático! Sim... aceita o convite para tomar um drink aqui na minha casa! Maravilha! Até que enfim! Só que, bem carioca, não marca data nem hora... Agora cabe a mim, naturalmente. Mas não vou me apressar. É. Vou sugerir daqui a uma semana para que ele não pense que... estou... como é que é? Ah! sim, para que não pense que vou com muita sede ao pote! ... *(brincando)* Preciso consultar a minha agenda... *(Suspira profundamente, depois dá de ombros, afasta-se e volta a mexer na pilha de papéis)*

Que é isto? Este papel velhíssimo, amarelado... Reunião de 20 de maio de 1985! É uma ata? Mas a gente não fazia ata! Ah! Já sei, eu anotei pra não esquecer a terrível constatação daquele dia na casa da Celina! Agora sei o que é! Chamemos de “Dramático documento histórico do nosso grupo feminista” : éramos dez mulheres numa das reuniões habituais das sextas-feiras e alguém, acho que foi Luíza, sugeriu que, como exercício, tentássemos lembrar se tínhamos tido alguma

experiência desagradável do que hoje se chama “abuso sexual na infância”. Na época em que falávamos em “tarados”... Pois veio à tona a tenebrosa constatação: todas nós – as dez! – tivemos um tio, um avô, um amigo da família, um empregado que se aproveitou de nossa inocência e ignorância infantil, deixando uma marca indelével, um trauma para sempre. Um horror! Todas tivemos esse horror como uma pré-iniciação sexual! Que azar!

E hoje-em-dia é pior: acontecem coisas muito piores, muito mais graves.. a pedofilia... (*sai e volta com um pequeno dicionário*) deixa eu ver o que diz o meu pequeno **Larousse** de psicologia (*olha as primeiras páginas procurando o ano de publicação do dicionário*) – Ah! Mas este dicionário é de 1970 e o mundo de lá pra cá mudou e piorou muito, nesse aspecto só piorou... Mesmo assim, quero ver o verbete dessa coisa nojenta que é a pedofilia! (*encontra o verbete e lê:*)

Do grego... etc., “perversão sexual que consiste na mórbida atração erótica de um adulto por crianças. – O pedófilo, em geral retardado mental, inibido ou neurótico, se sente em estado de inferioridade em face da mulher adulta e procura parceiros sexuais à sua altura, quer dizer, crianças de um e de outro sexo”. *Bull shit!* “parceiro sexual”? ... como é que se chama de parceiro alguém que não sabe o que está acontecendo? E os padres norte-americanos que a Igreja acobertou durante décadas... são todos retardados mentais, que se sentem inferiores às mulheres? Para a Igreja, a mulher sempre foi a “ocasião do pecado”! E eu sempre me perguntei: e para a mulher, quem é a “ocasião do pecado”? Mas, voltando ao caso, ao abuso das crianças, à pornografia infantil na internet, ao turismo sexual-infantil no nosso país ... Por que não fazemos um movimento nacional de defesa da inocência e da beleza? Sim, da beleza... Ah! como é linda a crônica de Clarice Lispector “A Descoberta do Mundo”, que devia ser tema de redação em todas as escolas. Ela diz o essencial (e ela estava se referindo apenas à violência verbal das coleguinhas que não sabiam nada e nos ensinavam tudo errado nas conversas da hora do recreio ...): (*sai e volta com o livro já aberto e lê:*)

“... sofri muito, o que poderia ter sido evitado se um adulto responsável se tivesse encarregado de me contar como era o amor. Esse adulto saberia como lidar com uma alma infantil sem martimizá-la com a surpresa, sem obrigá-la a ter toda sozinha que se refazer para de novo aceitar a vida e seus mistérios”. *(pausa)*

— Nós, aquelas dez mulheres do grupo, nós passamos por isso...e milhares de outras!... Ah! Adoro o que ela diz agora:

(continua lendo) “Porque o mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo, o mistério continuou intacto. Embora eu saiba que de uma planta brota uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza. E se continuo até hoje com pudor não é porque ache vergonhoso, é pudor apenas feminino.

Pois juro que a vida é bonita”.

É isso! A vida é bonita! O amor é bonito... é poesia! A invasão bárbara da pornografia está matando, assassinando a...a poesia!

Ah! A poesia de uma Colette, que escreveu... eu não sei em que livro, nunca sei em que livro, pois li há tantos anos....mas nunca esqueci porque é lindo demais: *(quase declama)*:

“Gosto dos beijos que vem de cima, aos quais ergo a cabeça como à espera de uma saborosa chuva de verão!” ...

Eu insisto em dizer que a exposição exacerbada, exagerada, estúpida do sexo é a morte da verdadeira sensualidade... Sen-sua-li-dade ... palavra muito mais ampla e muito mais bonita!

(o computador anuncia mensagem. Ela vai olhar:)

É do Claudio. Ah! A Eletrobrás também rejeitou o projeto e ele está mandando mais um para a Vale... *(sem muito entusiasmo)* Pode ser, pode ser... não percamos as esperanças...

(entram outras mensagens) – E esta é da Teresa, ó! meu Deus! mais uma notícia da falta de dinheiro do Ministério da Cultura e convida para uma manifestação! E esta aqui é de um poeta me convidando para a mesma manifestação diante do Ministério!

Ah! Meu caro, só vou em espírito... *(faz gestos com as mãos como espargindo fluidos e começa a escrever)* e mando toda a minha solidariedade!

Tradutores também preparam uma manifestação, mandou-me dizer uma colega... E você sabe quanto vale em nosso país a lauda de um tradutor ? 10, 12 reais! Isso é um escárnio! Por isso há tantas traduções feitas às pressas, desatentas... para dizer o mínimo... o pessoal de um museu entrou em greve... com toda a razão! Outro museu pede socorro... metade do pessoal não pode dar conta do trabalho... Bem disse aquele poeta – Alexei Bueno: “enquanto monumentos históricos inigualáveis, inimitáveis caem ou são simplesmente demolidos – ... – os poderes públicos realizam a sua única obra faraônica no campo da cultura: *(com graça e ironia)* o tombamento do acarajé! (B.O.)

Chegando em casa como das outras vezes, os mesmos gestos mecânicos. Liga logo o computador.

Mas cadê o moço que não escreve? Agora sim, faz vários dias. É tão estranho! Houve um momento de grande intensidade em nossa correspondência: chegamos a mandar um pra o outro várias mensagens no mesmo dia... e agora... Nada! É o estranho silêncio do computador... – Ah! Compiuter, compiuter! Você é um filho-da-piuter, que nos deixa em agonia porque instaura um tempo-outro, aceleradíssimo e aparentemente fora do Tempo... exatamente porque é outro , mas, na verdade, é dentro do tempo comum, cotidiano, rotineiro e ordinário que tudo isso se dá, que isso acontece! E é uma piuter contradição, contradição sem solução, sem síntese. As únicas sínteses são os momentos – muito esporádicos – de “epifania” *(com ironia)*: de revelação gloriosa, quando uma ou outra palavra nos comove. *(pausa)* Mas por outro lado, é uma glória! Porque a tal de correspondência eletrônica – técnica, virtual... distante... é ao mesmo tempo próxima, sim, mágica, secreta, única. E é preciso saber aproveitar, fruir, gozar!... como Fernando Pessoa, fumando, no poema Tabacaria:

(finge que está fumando:)

“Sigo o fumo como uma rota próxima

E gozo, num momento sensitivo e competente

A libertação de todas as especulações”...

(Examina o computador)

— Cadê o moço? Isso me faz pensar em outras experiências, em todas as vezes que fiquei me perguntando “que é que eu fiz de errado?” Que merda! Tenho horror desse sentimento de culpa, de dúvida, de dúvida culposa, de culpa duvidosa ou dubitativa que o interesse no outro provoca... que raiva! Por que não pode ser mais simples, mais transparente, mais tranquilo... por que é que não se pode dizer exatamente o que se pensa e o que se sente para esse outro que se quer seduzir, conquistar, amar, sei lá... ah!...pensando bem, é justamente porque há o querer seduzir e conquistar... Voilà! Porque há este tempo preliminar da conquista ou do namoro que é uma batalha... uma luta cheia de pequenas estratégias e artimanhas... blefes, como no jogo de poker, pequenos engodos, enganos, artísticas mentirinhas... Ora! Mas como é cansativo! Por isso tanta gente se fecha em relação ao amor... é muito trabalhoso! E lembro aquele jovem por quem quase me apaixonei, que ora se mostrava envolvidíssimo, ora se esquivava e desaparecia, sempre se atrasava, ou não chegava, me deixava louca porque era totalmente imprevisível... até que descobri que ele era alcoólatra! E é evidente que a única coisa previsível de um alcoólatra é a sua imprevisibilidade!

E por falar em atraso, este hábito tão brasileiro, cheguei a criar uma teoria para convencer meus alunos de que chegar atrasado (*ri*) é um assassinato! Além de ser coisa de terceiro e quarto mundo. Pessoas civilizadas não se atrasam! A pontualidade ... *C'est la politesse des rois!* Mas não era isso que eu dizia. (*toma um ar professoral exagerado*) Eu dizia: que é que nós somos, nós, os humanos? Nós somos tempo! Sim, desde Heráclito, chegando a Heidegger... somos essencialmente Tempo! É simples: que é que nós temos nesta vida que seja realmente nosso? Propriedades, dinheiro, jóias, obra? Nada! Só temos de realmente nosso o Tempo de vida que temos, o Tempo que vivemos...portanto somos isto: somos apenas o Tempo que temos... até... não termos mais tempo nenhum. Depois da morte é o não-tempo da Eternidade... não é? Logo, continuemos: quando alguém me faz esperar e tira de mim o meu tempo, na verdade está tirando a minha vida... tempo de vida é

vida... Bom! (com graça e muita ironia) conclusão rápida: Logo,... o atrasado é um assassino! (*Dá uma gargalhada*)

O computador dá sinal de e-mail

Vejamos! Ah! mais uma dessas mensagens de pseudo-filosofia, dessa banalidade pretensiosa, dessa platitude ... é uma praga quase tão desagradável quanto o som dos celulares e a alienação da maioria dos celularizados... Por falar em celular, nos teatros é um escândalo! Gostei daquele maravilhoso ator inglês que veio dizer – divinamente – trechos de Shakespeare... Pois não é que tocou o celular de um miserável... E ele, com a maior categoria e agilidade mental, interrompeu Shakespeare e disse “É para mim?”

Afasta-se do computador, serve-se de uísque, pega uns papéis e senta-se na poltrona. Na tela do fundo, uma imagem de Veneza...

— Olha aqui! Achei a última página daquela história do casal de Veneza... (*lê:*) “Foi naquele momento, quando ele disse que não ia comer coisa alguma – pra não gastar! – depois de um concerto belíssimo no La Fenice, e estando em Veneza naquela linda noite de outono, romântica e misteriosa, quando ele não a deixou sequer tomar um copo de vinho tinto para acompanhar o delicioso rigatoni que a ajudaria a engolir todas as lágrimas que queria chorar e não podia.... foi então que ela percebeu com toda a nitidez que aquele homem não a merecia e ali mesmo, sem dizer nada, decidiu deixá-lo para sempre. *Finita la opera!* E assim o fez, de fato. De volta ao Rio, chegando em casa, ela nem sequer desfez as malas, apenas disse sem alterar a voz e sem hesitação: Eu vou embora!”. Mas preciso escrever de novo. Está muito mal escrito! Talvez fosse só um esboço...

*(Pequena pausa. Música medieval: **Carmina Burana** original)*

Encontra uma outra página que a interessa:

— Hum, e isto aqui é muito bom! *Que é que as mulheres querem e Sir Gawain...* É para acabar com a famosa pergunta de Freud sobre o que pelos séculos afora os homens sempre acharam tão difícil de compreender. Pois a resposta já estava no relato do “casamento de Sir Gawain”, o sobrinho do Rei Artur da Távola Redonda... numa lenda

do... do século XII. (*refletindo*) E pensar que o Brasil só foi descoberto no século XVII...

Lê:

“O rei Arthur fora desafiado por um barão a encontrar, no prazo de um ano, a resposta à pergunta que tanto inquietaria Freud séculos mais tarde: que é que as mulheres querem?” Se no tempo determinado a resposta não fosse encontrada, Arthur teria de se casar com a irmã do misterioso barão, uma bruxa velha, feia e asquerosa. Esgotou-se o prazo e as mais diversas respostas encontradas não satisfizeram o desafiante. (Uns diziam que eram a riqueza e as jóias, outros, o prazer, outros, os filhos...) O rei Arthur teria se casado com a bruxa, mas Sir Gawain, seu nobre sobrinho e Cavaleiro da Távola, veio em seu socorro, oferecendo-se para cumprir o castigo em seu lugar. Bodas secretas foram celebradas.

E na noite de núpcias, quando Gawain mal disfarçando a repulsa se dispõe a consumir o injusto casamento, eis que a asquerosa bruxa se transforma em uma belíssima donzela, que se apressa em adverti-lo: se a preferir jovem e bela durante a noite assim a terá; durante o dia, porém, voltará a ser a bruxa horrenda. Se, ao contrário, a quiser bela durante o dia, terá de deitar-se todas as noites com a bruxa. Sir Gawain diz que a prefere em sua bela forma à noite, mas ela argumenta que pessoalmente seria mais feliz se todos a pudessem ver jovem e bela durante o dia. Após rápida reflexão, confirmando sua nobreza, Gawain cede-lhe a vontade. E é a partir daí que o feitiço se desfaz e a bruxa desaparece para sempre, dando lugar à donzela em todo o seu esplendor, o que demonstra que o que as mulheres querem é.....

Que a sua vontade seja respeitada!” (*dá uma gostosa gargalhada*)

— No século XII já se sabia! Que aconteceu depois? Esqueceram? Bom, é na Idade Média que pouco a pouco vão se formar os futuros Inquisidores, (*e, com malícia*) ou “Guardiães da Fé” ...tanto

que a maravilhosa compositora/cientista/filósofa/teóloga, tudo! – Hildegard de Bingen, que viveu no século XII, pôde estudar, compor, ser uma pregadora, amiga de bispos e papas, – a mulher tinha uma visão-de-mundo avançadíssima, já falava em universo em expansão! ... Mas logo depois, no final do século XIII, o papa, um tal de Bonifácio VIII, confinou todas as freiras nos claustros e impôs-lhes o silêncio! E ficamos em quase total silêncio por muitos séculos... Eles adoravam a Nossa Senhora ...do céu, mas as mulheres da terra... (B.O.)

Chegando em casa outra vez ou saindo do quarto:

— E esse financiamento que não chega e eu me sentindo tão mortal...

Mas algum dia... alguma alma generosa vai se interessar pela minha peça e vai montá-la ... sim, vai montá-la com muito respeito, (*com ironia*) procurando ser fiel à autora há séculos desaparecida... Taí! Lembro Baudelaire no seu terrível poema “Une charogne”, “Uma Carniça”, que o danado escreveu como uma canção pastoral... ou é pastoril que se diz? ... Não importa! O que importa é que diante da morte ele fala na permanência da Arte: (*recita:*)

*E ouve-se, ao longe, ao mesmo tempo, o início do quarteto de Schubert: **A Morte e a Donzela***

“E você, ó minha bela/ diga aos vermes/que vão comê-la de beijos/ que eu guardei a forma e a essência divina/ dos meus amores decompostos,” ... quer dizer, do meu amor apodrecido! (*Faça uma careta*) O poeta guarda, salva, preserva... a forma e a essência divina de tudo, essa é a certeza de alguns, essa é a certeza de Hilda Hilst quando diz: (*se anima*)

“No coração, no olhar

Quando se tocarem

Pela primeira vez

Aqueles que se amam

Eu estarei...”

Ela certamente estará. A grande poeta estará sempre entre os vivos. (*volta a declamar:*)

“Eu estarei...”

Nas madrugadas
Pela primeira vez
Em amor
Tocada”.

— O Amor vence a morte! O amor é mais forte do que a morte. Arte é amor... E o amor não existe, o amor é um mito que move “o sol e as outras estrelas”...mas não move os patrocinadores para uma peça tão inteligente! E em termos humanos, ó Proust! é a grande ilusão! Uma ilusão que pode levar ao crime passional também, é claro... é, como diria Pessoa: é o nada que é tudo, pois, “o mito é o nada que é tudo”... que faz e acontece e faz acontecer... e quando o amor acaba, sim, porque acaba mesmo, como tudo...pois é, quando acaba o outro fica nu, sem qualidades, só com seus pobres defeitos, com suas pobres fraquezas e falhas... fica um simples ser-humano nada especial. E ainda há aquela velha piadinha: no início era “meu bem”, no fim é “meus bens” ... e é preciso lembrar que existe o velho ditado medieval: “quem casa por amor, tem boas noites e dias péssimos! “... quer dizer, numa época em que o casamento era nada mais que um bom negócio, não se podia viver de brisa...Aliás, o casamento só se tornou um sacramento no século XIII!! Deixa o casamento pra lá! Quando a gente está apaixonada, casada ou não, aquele pobre ser humano é bonito, é sensível, é inteligente, simpático, atraente... irresistível! ... um quase deus! Bom! Ainda bem que essa ilusão existe e a gente por algum tempo vive a maravilhosa fantasia... Só não se pode é institucionalizar, oficializar, casamentar a fantasia... Como dizia Lou Salomé: não se pode domesticar uma tempestade porque é uma tempestade!.....e se Proust entrasse nesta conversa, diria que é uma tempestade criada pela nossa imaginação! Sim, eu sei, é uma verdadeira revolução... É um apocalipse: o mundo todo desaparece para que o outro reine, impere, domine... E quando a revolução se instala, que é que acontece? ... A ditadura! O totalitarismo! Ou não? Amar é ótimo! Casar? É outra coisa muito diferente: negócio, procriação, família, acomodação... É a morte da liberdade, da independência, da solidão

tão necessária para salvar-se não a nossa criatividade, ao menos a nossa sanidade...Quais são as estatísticas hoje? 50 % dos habitantes de Amsterdam vivem sozinhos! 40 % dos nova-yorquinos também! olha que 40 por cento de novaiorquinos é gente pra burro!

Mas neste momento, não tenho nenhuma coisa, nada: nem uma coisa, nem outra. E nem o merda do patrocínio...

Estou neste deserto ... na intransponível demora...

(sinal de e-mail no computador. Vai olhar)

Mas não é possível! A Vale também já distribuiu seus financiamentos até o ano que vem... Que merda! Só falta qual, agora? Quem...? *(grita, dramática:)* Quem? *(Suspira fundo)*

(mas vê outra mensagem e faz um largo sorriso)

Ah! Mas o amigo eletrônico reapareceu também! E sugere uma data pra me visitar! Nem tudo está perdido, então! Ao menos isso! Quem sabe,... uma pequena esperança. Mas lá vem Clarice na minha cabeça: “Você sabia que às vezes a esperança é uma pergunta sem resposta?” *(fica pensativa)*... Hum... vou dizer que pode ser na quarta-feira... assim, no meio da semana, com naturalidade *(ri, satisfeita)* quer dizer, com a mais perfeita artificialidade. *(Novo sinal de email entrando... ela olha e começa a rir. Ri, ri muito e quando consegue parar, diz:)*

Ah! Essa minha amiga espanhola me mata com as piadas. Ora, vejam só! Um suposto novo sistema anti-roubo de automóveis tem um macaco, um macaco de verdade escondido no carro e quando o assaltante está começando a fazer a ligação direta, o macaco chega de mansinho por trás e dá-lhe uma paulada na cabeça... *(ri muito)* arrasta o homem pra fora do carro e joga-o, por cima de uma ponte, num rio...É um macaco muito forte! É incrível! Gozadíssimo! Tá! Percebo que rir é gozar, é um enorme prazer... daí engraçado ser sinônimo de gozado, sim, é isso, é claro! Porque é um gozo! Rir é um gozo !... Vai ver que é por isso que o nosso público só quer rir no teatro e no cinema... porque, afinal, o país está na merda há tanto tempo que só nos resta, como às hienas... rir! *(pequena pausa)* Portanto, logo... quem não escreve coisas engraçadas está f..f.. *(não chega a dizer porque*

O telefone toca:)

— Alô! Oi Teresa... sim, já soube. É um saco! O que é que se pode tentar agora?

— ...

— Mas você disse que eram só quatro personagens ?

— ...

— Entendo. Só que eu não acredito que as verbas tenham sido todas aplicadas. Isso é lorota! Não gostaram foi ...

— ...

— Está bem, amiga. Está bem. Eu bem que tento não desanimar. Vamos ver se nos ocorre mais alguma idéia.....

— ...

— Obrigada! Até mais! Um beijo.

Ai! Até quando? Até quando? Bom! Já sei! Minha próxima peça não vai ter nem quatro personagens, vai ter só dois... Não, não! Um! Sim, um! Vai ser um monólogo! *(Vai se sentar para escrever mas antes serve-se de um uísque e coloca um CD no aparelho. É uma das faixas da Homenagem a Luiz Eça)*

(Senta-se e começa:) Monólogo em 1 ato. Afinal, monólogo é o que combina com a nossa época de individualismo exacerbado, de ... dessa condenação à solidão. Se Sartre disse que estamos condenados à liberdade, subentendeu também, é claro, que estamos condenados à solidão.

Bom! Monólogo em um ato.

Personagens: Mulher e ... e Computador! Sim...

(Hesita. Levanta, sai, volta e senta-se de novo. Recomeça:)

— Bem! Continuemos!

(B.O).

Fim

RESENHA

A TEORIA DA LITERATURA COMO TEORIA DA MODERNIDADE EM *LIMITES DA VOZ*, DE LUIZ COSTA LIMA

COSTA LIMA, Luiz. **Limites da Voz (Montaigne, Schlegel, Kafka)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

*Por Pedro Ramos Dolabela Chagas **

Acaba de ser relançado pela editora Topbooks, doze anos após a sua primeira publicação, o livro **Limites da Voz (Montaigne, Schlegel, Kafka)**, de Luiz Costa Lima. Que os três autores do subtítulo não façam pensar que se trata de uma obra de comentador: como o próprio Costa Lima faz questão de alertar (numa passagem selecionada pelo editor para figurar na contracapa da nova edição), **Limites da Voz** foge ao trabalho especializado do comentário. O que nele de fato se tem é uma teoria da Modernidade, ou melhor, uma teoria da Literatura como teoria da Modernidade, cujo componente polêmico reside tanto na politização que imprime à compreensão histórica da literatura como fato social, quanto na sugestão de que uma certa mudança na conceitualização da literatura e na crítica literária se faz atualmente necessária. A discussão, portanto, não se encerra em Kafka, mas sim num tempo presente que ademais projeta um horizonte futuro; dedicar-nos-emos aqui a expor o lugar polêmico que a historicização costalimiana do conceito moderno de literatura pretende ocupar nos Estudos Literários.

* Professor de Literatura nas Faculdades Dr. Pedro Leopoldo (MG), e doutorando em Literatura Comparada (UERJ), e em Filosofia (UFMG). Contato: pedrodolabela@terra.com.br.

Historicização que aponta a insuficiência do estatuto ordinariamente conferido àquele conceito, e a vontade de revisá-lo. Note-se bem que falamos de “insuficiência do estatuto”, pois, com o passar do tempo, o que saturou a fertilidade do conceito foi a prática analítica que sobre ele se assentou, e que tão menos autoquestionadora se mostrou quanto mais institucionalizada se tornou. O movimento historiográfico que **Limites da Voz** pretende fazer envolve: revolver as fundações do que corriqueiramente se entende por literatura, para apontar 1) os motivos que fizeram com que a institucionalização da crítica literária afinal a tornasse alheia à própria idéia de criticidade, e 2) a fragilidade que a prática da criticidade assume com a difusão da experiência estética como pura estetização – termo oposto à criticidade – na sociedade da imagem (e do marketing) contemporânea, onde se percebe a dissolução do lugar tradicional da literatura, e da sua importância social. Como estas questões são interligadas numa relação de causalidade, tem-se no livro o mapeamento – nos moldes da “longa duração” das epistemes, como propôs Foucault – dos condicionantes epistemológicos que acarretaram, ao mesmo tempo em que legitimaram, a cisão entre *socius* e literatura.

Nas próximas páginas, apresentaremos o percurso traçado em **Limites da Voz**. De Montaigne a Kant, de Kant a Schlegel, e chegando a Kafka, seguindo as análises de Costa Lima exporemos as conseqüências epistemológicas que a ascensão da subjetividade individual como termo de referência para a produção de conhecimento trouxe para a literatura, balizadas pelas vicissitudes que terá a criticidade ao longo daquele processo. Esperamos que este esforço de glosa escape à redundância, e aja como um estímulo à leitura do livro.

De Montaigne a Kant: o Surgimento da Literatura

O advento – a descoberta?, a invenção? – da subjetividade no pensamento ocidental é o eixo que define a Modernidade epistemológica. Após séculos de vigência da Verdade teologicamente

orientada, é no Renascimento que – não repentinamente – se delineia a imanência do sujeito individual como produtor de conhecimento, trazendo como conseqüência a relativização da autoridade da tradição (o legado clássico greco-romano), e com ela a necessidade de se definir novos parâmetros gnoseológicos que, em substituição ao princípio de autoridade, prometessem a estabilidade indispensável à produção de conhecimento. Ao passo que a tarefa da ciência será bem pavimentada a partir do trabalho de um Descartes, por exemplo, em relação a todos os demais campos alcançados pela razão, a falta da estabilidade de parâmetros, de um “Deus” ordenador, se fará sentir. Privada da segurança com que a ciência se lançará para consolidar-se como o paradigma epistemológico dominante na Modernidade, a razão humana (antecipando a distinção kantiana entre razão e entendimento, este último atinente à lógica e à ciência) encontra no pensamento de Montaigne, e não em Descartes, um índice claro dos impasses que definirão a sua afirmação.

Na falta de um solo concreto, a razão se orientará em função daquilo que Costa Lima chamará de Lei, que é a própria “ordem possibilitadora do conhecimento”. A Lei é o quadro que orienta e define a maneira como os problemas humanos serão pensados, postulando-se que a nossa capacidade de reflexão, aparentemente ilimitada, é na verdade circunscrita a possibilidades gnoseológicas sócio-historicamente condicionadas, que determinam os limites do pensável. Cabe observar, porém, que a Lei jamais será “dura” como a lei científica. Não-escrita, permanentemente mutante, ela é um fato histórico e social, pois o trabalho da razão é determinado pela axiomática do conhecimento contemporâneo (inscrita no horizonte da cultura, do poder e da ciência). Tal axiomática é sempre instável e dificilmente perceptível, pois circunscreve “naturalmente” o pensamento, moldando-o a si. Dentro dela, a Lei é o poder “em ação”. Na visão de Costa Lima, se, no momento em que o primado da subjetividade se insinua, Montaigne procura um não-eu a direcionar o trabalho do eu, será a **Crítica da Razão Pura** de Kant que, séculos

mais tarde, dará uma resposta sólida aos problemas abertos pelo caráter subjetivo da produção (objetiva) de conhecimento. Na ambiência específica da Lei – e portanto fora da seara lógico-científica –, há algo mais, porém, que interessa neste lapso que transcorre entre um filósofo e o outro. A Lei é um referencial silencioso – mas que determina o pensamento e a fala –, relativamente vago –, mas que tem poder de determinação. Silenciosa e vaga, a Lei é escorregadia, o que vale a pergunta: definidora do conhecimento, como poderia ela mesma ser conhecida? Invocando a presença de Montaigne, cujos escritos estão a meio caminho entre a filosofia e a literatura, a resposta de Costa Lima é: através da literatura, que no século XVI se consolidava como modalidade autônoma de discurso, e que na passagem do Iluminismo para o Romantismo encontraria um terreno amadurecido para a sua teorização. Vejamos o que compreende exatamente esta conceitualização da literatura sob a referência à Lei, que permite localizar a sua origem na Modernidade (a partir da inauguração do paradigma da subjetividade), e que teve nos **Ensaies** de Montaigne uma das suas mais fortes expressões iniciais.

Entre o eu e a realidade por ele experienciada, forma-se um lapso apenas parcialmente organizado pela Lei, uma vez que não há como se produzir um lastro objetivo da experiência humana (não há como traduzi-la num dado unanimemente compartilhável). A ciência alcançará uma comunicabilidade universal ao inventar para si uma linguagem artificial, o que não se aplica às demais experiências possíveis. Em **Limites da Voz**, a literatura é definida como a forma textual que por excelência permite um acesso à Lei, pois se produz como diferente em relação a ela (ao contrário da Filosofia, a literatura não tem a pretensão de *ser* ou de *teorizar* a Lei), mas ao mesmo tempo como semelhante, por estar intimamente ligada ao Real (seu território de vigência). Ligada ao Real, ela projeta uma organização do mundo, (o mundo-enquanto-ficcionalizado associado à noção de verossimilhança), a preservar uma semelhança com o pensamento-padrão, mas que ao

mesmo tempo dele difere, pois não lhe obedece totalmente. Diferente e semelhante à Lei, a literatura permite que o leitor a perspectivize. A partir da diferença em relação ao usual, ele percebe a conformação habitual da axiomática, ou seja, a Lei em sua manifestação corriqueira. A literatura é definida como uma produção que *faz ver* aquilo que permanece obscurecido na vida cotidiana: a Lei e a sua presença na organização social, e na autoconstituição do indivíduo. Destarte definida, a literatura é *per se* um produto da racionalidade subjetiva moderna.

De Kant a Schlegel: Nascimento e Dissolução da Criticidade

Em **Limites da Voz**, afirma-se que a Lei só adquire estabilidade mediante um ato de força que decide o que ela deve ser. Tal decisão traz a marca das instâncias sociais de poder, que se manifestam no ato mesmo do controle: eis aí o “controle do imaginário”, tese desenvolvida pelo autor desde o lançamento do livro homônimo em 1984. Costa Lima (2005, p. 33) chama a atenção para a diferença entre controle e censura: “A censura é pontual, sujeita ao cálculo da conveniência política, o controle é paradigmático, i.e., adapta-se ao próprio contorno da teoria moderna do conhecimento”. A censura é o gesto autodeclarado de proibição, enquanto o controle está incorporado à Lei, e é tão silencioso quanto ela. Lei e controle se distinguem apenas através do seu rearranjo constante, pelo qual o controle incide sobre a Lei, e lhe confere a sua feição sócio-histórica dominante ou majoritária. Uma pergunta que se coloca em **Limites da Voz** é: em contraposição à Modernidade “clássica” (do Renascimento ao século XVIII), teria o controle do imaginário sobrevivido numa era em que a subjetividade ganhara autonomia plena? Em Kant, o sujeito cognitivo alcança a sua maioria epistemológica; a partir do Romantismo, a literatura será entendida como território de reinado do eu. Seria então de supor que, livre e plenamente legitimada, a subjetividade não reconhecesse quaisquer barreiras que se lhe impusessem “de fora”, quaisquer coações do poder. Mas não é isso o que pensa Costa Lima.

Tentaremos resumir o rendimento que Costa Lima extrai das análises de Kant e Schlegel, centrais para o entendimento do papel que, paradoxalmente, a partir do século XIX terá a crítica literária na manutenção do controle. Para tanto, há que se entender o – mais uma vez paradoxal – naufrágio da crítica na utilização de parâmetros que sufocam a própria criticidade, e que revelam a sua influência máxima na incompreensão e no obscurecimento do estatuto do ficcional.

Segundo Costa Lima, na **Crítica da Faculdade do Juízo** de Kant, do juízo reflexivo (próprio à experiência estética) cabem duas leituras. A primeira delas prevê a sua submissão ora ao entendimento (racionalidade científica) através da experiência do belo, ora à razão (a moral, a ética, a imaginação...) através da experiência do sublime. Esta leitura seria fiel à proposta arquitetônica de Kant, que veria no juízo reflexivo a possibilidade de intermediar as esferas da razão e do entendimento, cujos territórios de abrangência haviam sido radicalmente separados pela **Primeira e Segunda Críticas**. Cético em relação à sustentabilidade dessa interpretação, Costa Lima confia mais numa segunda leitura, que segundo ele revela melhor as conseqüências de longo alcance da estética kantiana. Ela parte de uma tese de Olivier Chédin, segundo a qual o juízo reflexivo, e com ele o célebre “desinteresse”, estariam ligados a um esquematismo infra-sensível, organizador de toda experiência possível. Não nos interessa aqui examinarmos detidamente essa tese, mas apenas a conseqüência que dela advém: se o estético está ligado a uma organização prévia da experiência, é natural que ele deva ser desinteressado, pois todo interesse de imediato o lançaria nalguma pragmática que, em si, já seria não-estética. Ao estético caberia o instante de pura intensidade, de perfeita imediatez, alheia ao entendimento e à razão. Assim tão pura, ela precede a própria possibilidade de comunicação – pura intensidade, o estético seria, por definição, mudo, ou seja, impossível de ser comunicado, pois a fala se daria num regime já não-estético. Eis o limite da voz kantiano: muda por definição, a experiência estética não pode ser criticada, i.e., não pode ser trazida da esfera individual para o campo

social. Semelhante concepção é impeditiva do estabelecimento da crítica literária como atividade legítima: na filosofia que melhor soube tratar a questão da subjetividade, a arte é uma experiência exclusivamente subjetiva. No vocabulário de Costa Lima, este tratamento do artístico corresponde à sua *estetização*, ou seja, à sua retirada da arena pública – território da criticidade –, com a sua reclusão no indivíduo. Este seria o legado de fato da filosofia de Kant para o grosso da reflexão posterior sobre a literatura, um legado ainda atuante.

Bem diferente será o caminho de Schlegel. Com ele, pela primeira vez a crítica literária pode ser pensada, pois pela primeira vez o texto literário é tratado como um objeto *sui generis*, ou seja, dotado de características próprias. Schlegel vislumbra a especificidade do ficcional: próprio dele é relacionar-se com a Lei estabelecendo para tanto as suas próprias leis, exclusivas a cada obra. O reconhecimento da unicidade da obra individual fará com que Schlegel se coloque a questão crucial: como é possível falar, de forma não-arbitrária, sobre um objeto que rejeita submeter-se a qualquer tipo de uniformização? O império da Lei não abrange a ciência porque a ciência pode se prover das suas próprias leis – mas e quanto à literatura? Desprovido da orientação das leis, cabe ao crítico – um eu particularizado – entender o regime próprio a cada obra, buscando nela a maneira – uma hipotética “lei particular” – pela qual ela deveria ser lida. Eis aí o nascimento da crítica literária: produzida por um eu (o crítico), ela procura em cada obra um não-eu específico que permitirá à crítica escapar da arbitrariedade. A tudo isso, subjazem as questões: o que é a literatura, o que é o ficcional?

O sujeito do conhecimento tem na crítica a possibilidade de se relacionar com a Lei de forma a escapar ao jugo da autoridade, pois a encontra focalizada de um modo particular em cada obra analisada. Contudo, a libertação da autoridade cobra o seu preço: uma vez libertos de uma Lei unívoca, os homens o estarão para sempre, o que significa dizer: caberá a eles a tarefa de sempre refletir sobre a sua própria orientação no mundo. A crítica é assim uma atividade

infinita, e por isso mesmo insuportável, pois a expectativa e a vontade medianas – assim reflete Costa Lima em **Mímesis: Desafio ao Pensamento** – antes parecem devotadas ao estabelecimento de um código estável de valores.

Schlegel não será exceção. Após o breve lampejo da via crítica (nos poucos 3 anos de convivência do círculo de Jena), ele se transformará num defensor daquele que será o principal modelo de pragmatização do controle do imaginário a partir do século XIX: a funcionalização da literatura como retrato da História dos Estados-nação. Silenciada a pergunta sobre o que ela é, à literatura é dada uma definição normativa, controladora do ficcional, e assim oposta à criticidade. A idéia da totalidade, já presente nos fragmentos críticos (quando o jovem Schlegel ansiava por uma “nova mitologia” a congruar os homens), será o fio condutor da historiografia literária (a serviço do Estado-nação), da concepção da literatura como retrato da realidade social (futuramente absorvida pelas análises sociológicas), e da crítica imanentista (executada por um eu-crítico que desconsidera a sua influência nos resultados produzidos, e não se incomoda com a privatização a que submete a literatura, transformada numa espécie de ornamento social). Mitologia, Estado-nação, retrato da subjetividade autoral ou da realidade social, ornamento a ser deglutido por um eu-crítico que se sobrepõe ao texto que critica, são todos figuras da totalidade, que substituem a eterna incompletude da crítica pela imposição de definições *a priori* do ficcional. Nesse sentido, tanto a “mudez” kantiana, quanto a “mitologia em devir” schlegeliana antecipam a denúncia que Costa Lima trará ao tempo presente: a de que a crítica literária, em última análise, se estabeleceu de forma alheia à criticidade, dando origem a novas formatações do controle do imaginário. O que não significa, porém, que o “lampejo” schlegeliano não deva ser resgatado. Pelo contrário, **Limites da Voz** traz implícita a idéia de que uma volta às descobertas do jovem Schlegel poderia animar o esforço contemporâneo, postulado por Costa Lima, de revigoreamento da criticidade.

Kafka e a Crise de Paradigmas da Literatura

A concepção institucionalizada da literatura previa que ela, na condição de expressão da subjetividade do autor, estabelecesse com a realidade uma relação passível de ser interpretada justamente através da reconstituição da intencionalidade autoral. No plano da recepção caberia ao leitor *entender* o ficcional como um “retrato do mundo”, realizado a partir de uma continuidade com a realidade conhecida, e que poderia ser interpretado, e explicado, a partir da dupla referência realidade-subjetividade autoral. A facilidade dessa empresa, em si nada óbvia, advinha do controle específico que a literatura recebia no século XIX. Definida como um veículo para a formação do cidadão, a sua interpretação estava *a priori* submetida à ação das racionalidades que, representando as instituições preocupadas com a estabilização geopolítica da Europa pós-napoleônica, orientavam a axiomática do conhecimento.

Sabemos que o controle é uma estabilização forçada da Lei, que com ele adquire uma concretude apenas artificial, pois é abafada a criticidade, o que leva o literário a colocar em circulação nada além do já-sabido (a própria Lei controlada). A intuição ou percepção da indeterminabilidade da Lei por alguma subjetividade proveria o ensejo para que nela se desse a explosão da criticidade; entretanto, na ambiência do controle, o leitor perspectiviza uma pseudo-Lei – uma legislação. Eis aí o fundamento da placidez que domina a instituição literária no século XIX, não abalada por vozes destoantes como as de Flaubert e Mallarmé. O que ocorreria, porém, se ao invés de a ficção se colocar como um veículo para a perspectivização da Lei, a própria Lei se revelasse uma ficção? Poderia a literatura, conforme institucionalmente definida, preservar assim a sua função social? A partir de Kafka, essa é a questão levantada em **Limites da Voz**.

A tese de Costa Lima é a de que a obra de Kafka funciona como um “correlato objetivo” da realidade sua contemporânea, para a qual, se a Lei é uma ficção, é porque o acesso a ela está vedado ao cidadão comum. Numa inversão radical das expectativas-padrão do

século XIX, ao invés de a literatura oferecer ao leitor uma estabilização de Lei, tem-se em Kafka a total impossibilidade de se conhecê-la. Tudo funciona numa lógica compreensível para todos, menos para o leitor, e para as personagens cujos percalços ele está condenado a acompanhar. A realidade é organizada sob uma racionalidade – uma Lei – incognoscível. Daí, duas conseqüências imediatas se impõem. Em primeiro lugar: diante de uma tal insubstancialidade da Lei, como poderia o leitor interpretar o texto? Pois, se não há um sentido passível de ser estabilizado através da interpretação (por exemplo, do resgate da intenção autoral ou de um “retrato” da realidade), como Kafka poderia ser lido? Além disso: não estaria aí a própria subjetividade como produtora de conhecimento sendo colocada em cheque? (Se a razão kantianamente definida não mais consegue projetar para si a capacidade de formular uma Lei que oriente o seu estar-no-mundo, o que lhe resta fazer, então?)

O primeiro problema nos coloca às voltas com a crítica literária. Compreende-se porque, em tempos recentes, parte dela se dedicará a demonstrar a total inutilidade da interpretação, acusando a sua necessária filiação a um sujeito-leitor e a uma estabilização forçada da semântica textual. A segunda tem conseqüências bem mais abrangentes, pois deixa entrever inclusive a possibilidade de extinção do controle: se não há mais uma Lei a se moldar, onde poderia o controle incidir? Mais do que isso, porém: se não há mais a possibilidade de perspectivização da Lei, poderá a literatura subsistir em sua função social consagrada?

O excesso de pontos de interrogação não deve surpreender. Não é com conclusões que **Limites da Voz** se encerra, mas sim com indagações. Como teoria da Modernidade, o livro é uma teoria do poder; como teoria da literatura, é uma teoria da perspectivização do poder através da experiência estética. O livro se encerra com uma crítica à sociedade da imagem, na qual o poder se impõe com uma imediatez inaudita. Tão imediata e onipresente é a afirmação social do poder através da mídia, que a literatura, cuja repercussão social é infinitamente menor em relação à que tinha no

século XIX, não precisa ser tanto objeto do controle (o que fora necessário enquanto a circulação social da informação e do pensamento se dera através da forma-texto, incomparavelmente mais sujeita às idiosincrasias da interpretação individual do que a imagem midiática, e conseqüentemente mais apta a proporcionar uma recepção questionadora). O controle não desapareceu, ele apenas diminuiu seu interesse pela instituição “Literatura”. Afinal, que preocupação poderia despertar uma arte restrita à recepção privada? (E tal não o seria a chamada “alta cultura”, mantenedora do “desinteresse” kantiano?) Que incômodo poderia trazer uma literatura problematizadora, quando o grosso do conhecimento é filtrado via televisão? No império da massificação midiática, em que a voz do poder alcança uma disseminação e promove uma homogeneização inéditas da axiomática do pensamento, a subjetividade parece a Costa Lima ter perdido de fato, e não apenas teoricamente, qualquer poder que outrora se lhe pôde outorgar.

O leitor de Costa Lima saberá que esse pessimismo quanto ao lugar social da literatura, marcadamente político, não se converterá em resignação. O trabalho de teorização do ficcional e de renovação dos paradigmas da crítica literária continuarão, com grande vigor, em seus escritos subseqüentes a **Limites da Voz**. Em seus grandes movimentos, o trabalho teórico de Luiz Costa Lima é mesmo um esforço de reformulação dos paradigmas que determinam a vida da instituição literária. Que esse trabalho seja de cunho historiográfico, mas que seja também motivado pela atualidade, e nela se projete, é um indício possível da sua necessidade.

